



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Expectativa por primeiras medidas econômicas e resultado do IPCA de 2022

Os desdobramentos dos eventos de ontem em Brasília devem, ao menos num primeiro momento, colocar em 2º plano a agenda econômica neste início de semana. Quanto mais rapidamente a situação for esclarecida, com a normalização institucional nos três poderes, o mercado poderá voltar suas atenções para a importante agenda econômica que o país tem pela frente.

Na agenda econômica, os agentes devem continuar atentos aos comentários dos membros do novo governo, além das possíveis primeiras medidas econômicas. O foco continua na questão fiscal, dado que o déficit primário estimado no orçamento para este ano é de R\$ 231,0 bi. O Ministro Haddad sinalizou que pretende reduzi-lo, mas até o momento ainda não indicou a estratégia a ser adotada. Aparentemente, a atual equipe econômica apostará principalmente em medidas para aumentar a receita (e um ajuste menor do lado dos gastos). Ainda, outro assunto que pode ter alguma evolução na semana é o programa “Desenrola Brasil”, que prevê a renegociação de dívidas para os inadimplentes (negativados).

O IBGE divulga na terça (10) o resultado da inflação (IPCA) de dezembro, que deve se manter em desaceleração em 12 meses, encerrando o ano com alta de 5,60%, mas ainda acima do teto da meta (5,0%) estabelecido pelo CMN. O consenso do mercado projeta alta de 0,44% no mês, próximo ao avanço de novembro (+0,41%), com pressão ainda dos alimentos no domicílio e vestuário (sazonalidade de fim de ano). Já os combustíveis devem mostrar alguma acomodação em função da redução dos preços da Petrobrás nas refinarias. Ainda que com uma acomodação relevante ante o fechamento de 2021 (10,06%) e também abaixo do dado de novembro (+5,90%), o BCB deverá escrever novamente uma carta com a justificativa por não cumprir a meta. Preocupação segue para 2023, com a ampliação dos gastos fiscais e expectativa de novo descumprimento da meta.

Ao longo da semana também serão conhecidos os dados de atividade de novembro, que devem confirmar a perda de tração da economia no 4º trimestre. O IBGE traz os dados das vendas no varejo e do setor de serviços, enquanto o BCB publica o resultado do índice IBC-Br de atividade econômica, proxy mensal do PIB. A projeção para o varejo (ampliado) é de estabilidade no mês, mesmo com as vendas de final do ano e promoções da *Black Friday*. Já o setor serviços deve registrar alta de apenas 0,3%, perdendo ímpeto em meio ao esgotamento do processo de reabertura das atividades presenciais. Por outro lado, o índice IBC-Br deve recuar 0,30% em novembro, reforçando a leitura de acomodação da economia no período.

Nos EUA, os agentes aguardam os dados de inflação ao consumidor (CPI), na quinta-feira (12), e que podem reforçar a perspectiva de uma nova redução do ritmo de aperto monetário pelo Fed. O consenso do mercado projeta estabilidade (0,0%) do CPI em dezembro, mantendo a tendência de desaceleração do indicador no acumulado em 12 meses, para 6,5% (ante +7,1%), diante do arrefecimento dos preços dos combustíveis. Entretanto, a atenção estará no comportamento da inflação de serviços, que ainda não deu sinais de acomodação, embora os salários tenham mostrado alguma descompressão em dezembro.

Na sexta-feira (13) serão conhecidos os balanços dos principais bancos dos EUA referentes ao 4º trimestre de 2022, que devem mostrar que o setor segue pressionado, diante do aumento das provisões, dos custos e redução das operações de mercado de capitais. Por outro lado, o aumento dos juros deve compensar parcialmente, aumentando as margens no crédito.

Na Zona do Euro e na China, indicadores de atividade devem manter a cautela sobre o rumo da atividade global. No bloco europeu será divulgada a produção industrial de novembro, enquanto no país asiático serão conhecidos os dados da balança comercial de dezembro. Ainda na China, também haverá a divulgação dos dados de inflação (CPI e PPI) do mês de dezembro.

Para ver o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado, [clique aqui](#).

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Indústria segue em dificuldade e deve recuar no 4T22 e em 2022

A produção industrial recuou 0,1% em novembro, sugerindo uma contração do setor no quarto trimestre. De toda forma, o resultado ficou em linha com as expectativas.

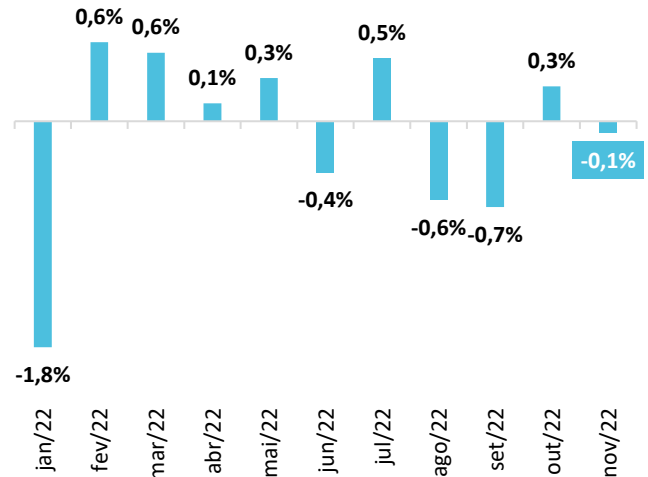
O ligeiro recuo do mês foi puxado pela contração da produção de bens de consumo duráveis (-0,4%), afetado pela política monetária contracionista, que encarece o crédito, além dos gargalos logísticos globais. Neste sentido, destaque para a queda da fabricação de produtos eletrônicos e de informática (-6,5%). Na outra ponta, houve crescimento das demais categorias de produção, como bens de capital (+0,8%), intermediários (+0,4%) e bens de consumo não duráveis (+0,6%), neste caso, impactados positivamente pelas festas de fim de ano e pela Copa do Mundo, que contribuíram com a fabricação de bebidas (+10,3%) e alimentos (+3,2%).

A leitura de novembro marcou o 4º recuo nos últimos seis meses, sugerindo continuidade da perda de tração do setor. O resultado deixa um *carry over* negativo de -0,5% para o 4º trimestre e reforça a perspectiva de contração da indústria no ano, que também deve ser da ordem de -0,5%. Além dos problemas de falta de insumos, pesam também o impacto negativo do aperto monetário, além da deterioração do cenário internacional. Tal quadro sugere um fraco desempenho da indústria novamente em 2023.

A semana também trouxe os dados de encerramento do ano do setor automotivo, que mostrou números positivos de produção e exportação, e estabilidade nas vendas (emplacamentos). Segundo a Anfavea, foram produzidas 2,37 milhões de unidades no ano, com alta de 5,4% ante 2021. As exportações tiveram um desempenho bastante positivo, com alta de 27,8% ano, totalizando 480,9 mil unidades. Já os emplacamentos (vendas internas), divulgados pela Fenabrave, somaram 2,10 milhões, com ligeiro recuo (-0,7%) ante o ano anterior.

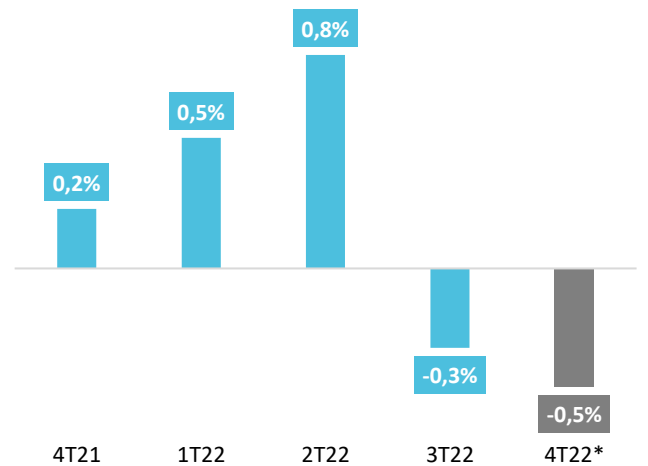
Assim, após um início de ano bastante difícil, com recorrentes paralisações nas fábricas em função da falta de semicondutores, a melhora no fluxo de componentes eletrônicos permitiu ao setor acelerar a produção e conseguir atender parte da demanda reprimida. Para 2023, os gargalos logísticos devem ser menores, mas os juros em níveis elevados (impacto no crédito) e o cenário de desaceleração econômica devem limitar o desempenho do setor.

Quadro 1: Produção Industrial – Var.% mensal



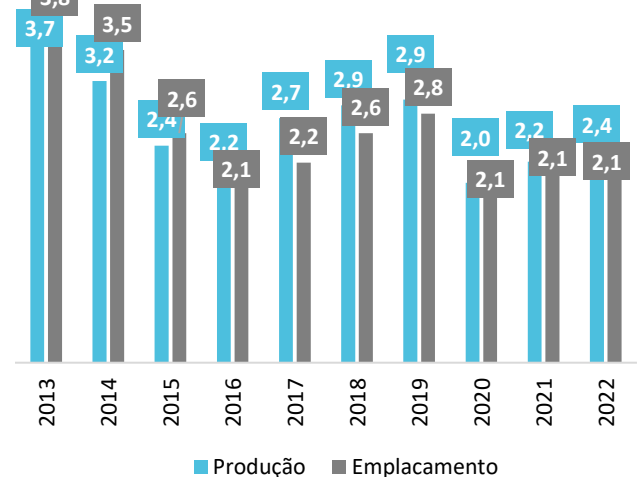
Fonte: IBGE

Quadro 2: Indústria – Var.% Trimestral (T/T-1) e Carry Over do 4T22



Fonte: IBGE

Quadro 3: Produção e Emplacamento de Veículos – Em milhões – Ano



Fonte: Anfavea e Fenabrave

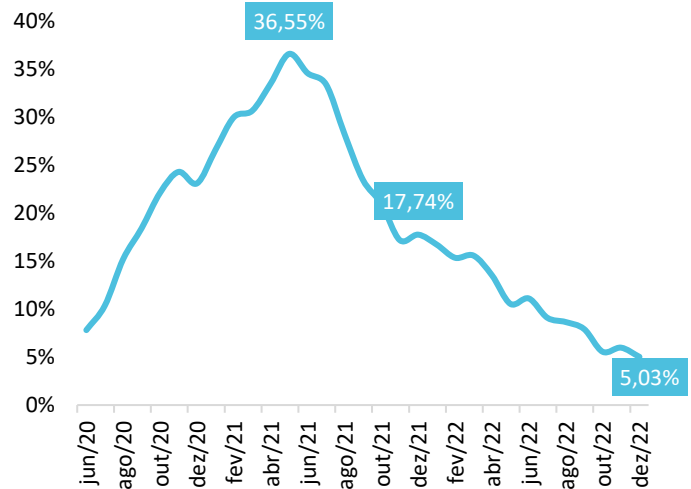
No campo inflacionário, o IGP-DI subiu 0,31% em dezembro, revertendo uma sequência de 5 meses seguidos em deflação. A alta refletiu o retorno dos preços no atacado ao campo positivo (+0,32%, ante -0,43% em novembro), diante da elevação dos preços de importantes *commodities*, como minério de ferro, devido à reabertura (dos *lockdowns*) da economia chinesa. Apesar do avanço no mês, o índice seguiu acomodando no acumulado em 12 meses, encerrando o ano com alta de 5,03%, bem abaixo do observado em 2021 (17,74%). A descompressão do indicador decorreu, principalmente, dos menores preços no atacado, diante das preocupações com a desaceleração global, que impactou os preços das *commodities* no mercado internacional (embora ainda sigam em alto patamar) no segundo semestre.

Por fim, no setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 4,8 bilhões em dezembro, acima do resultado de dez/21 (US\$ 4,0 bi). A melhora do saldo no período foi liderada pelo avanço das exportações (+14,0%) em maior intensidade que das importações (+12,0%).

No ano, a balança comercial registrou superávit de US\$ 62,3 bi, recorde histórico (desde 1994), fechando o ano pouco acima do resultado de 2021 (US\$ 61,0 bi). Comparando com 2021, houve alta de 19,3% das exportações, que atingiram US\$ 335,0 bi. Já as importações somaram US\$ 272,7 bi e apresentaram uma alta anual ainda mais acentuada, de 24,3%. Vale mencionar que tanto o avanço das exportações como das importações foi impulsionado pela alta dos preços, e não das quantidades. Segundo a Secex, no caso das exportações, os preços subiram 13,6% (ante 5,5% do volume), enquanto nas importações, a alta dos preços foi de 23,4% (ante 2,6% da quantidade), impulsionada principalmente pelos preços dos combustíveis (+69,2%).

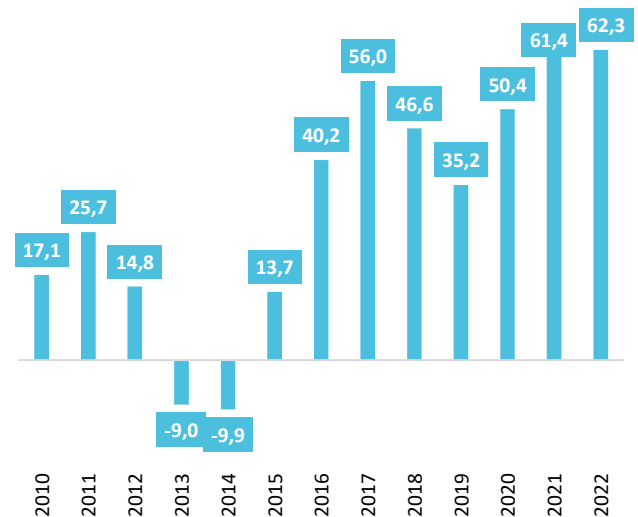
Para 2023, a desaceleração da economia global deverá conter o avanço das exportações, embora a expectativa de desaceleração da atividade doméstica também traga algum arrefecimento das importações. Diante de tal cenário, por ora, o Boletim Focus prevê um superávit de US\$ 56,6 bi no ano, um pouco abaixo do observado em 2022.

Quadro 4: IGP-DI – Var. % acum. em 12 meses



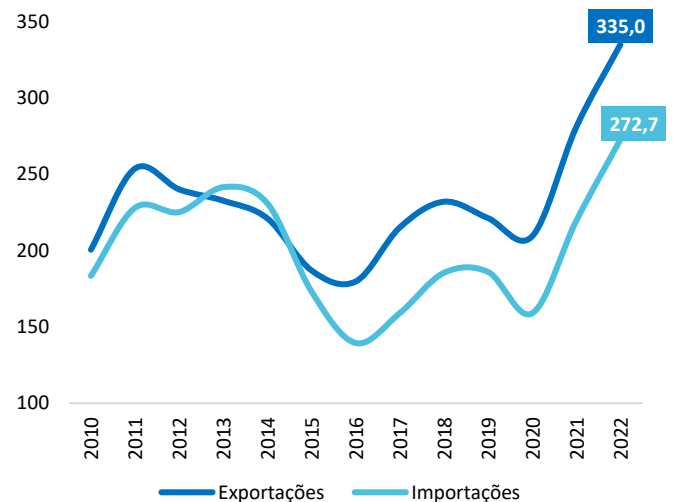
Fonte: FGV

Quadro 5: Saldo Comercial Anual – Em US\$ bi



Fonte: Secex

Quadro 6: Exportações e Importações Em US\$ bi



Fonte: Secex

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Bolsas sobem após *payroll* sugerir redução do ritmo de alta pelo Fed

Os principais índices acionários dos EUA (e ativos de risco em geral) fecharam a semana em alta, sustentados pelo alívio com os dados do mercado de trabalho (*payroll*) de dezembro, que mostraram a manutenção de um bom ritmo de geração de vagas de emprego, sugerindo que a atividade segue resiliente, sem sinais concretos da iminência de uma recessão. Por outro lado, mostrou arrefecimento da pressão de alta dos salários, o que pode ajudar no processo de desaceleração da inflação. Com isso, os agentes aumentaram as apostas em uma nova redução do ritmo do aperto monetário pelo Fed (para +0,25 pp ante +0,50 pp) na reunião de fevereiro, que levaria os *Fed Funds* para o intervalo entre 4,50% e 4,75% aa.

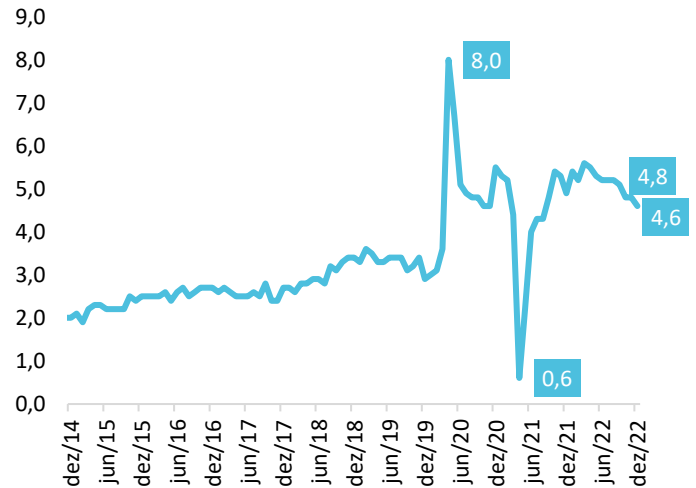
O *payroll* norte-americano surpreendeu novamente em dezembro ao registrar a criação de 223 mil vagas, ante expectativa de +200 mil. Com isso, a taxa de desemprego recuou para 3,5% (ante 3,6%). A principal notícia ficou por conta do alívio nos salários, que desaceleraram para uma alta de 4,6% (ante 4,8%) no acumulado em 12 meses, contra expectativa de aceleração (+5,0%), reforçando a confiança dos agentes no processo de desinflação da economia.

Por outro lado, a ata da reunião do Fomc/Fed (13/dez/22) trouxe uma mensagem dura, indicando que os juros devem seguir altos por um período longo, enquanto o Comitê aguarda sinais mais claros que confirmem a desaceleração dos preços. Os dirigentes reforçaram que a redução do aperto monetário (de +0,75 pp para +0,5 pp), deliberada na reunião, não significa um “enfraquecimento” na ação do Fed. Além disso, o documento indicou que nenhum dos dirigentes previa, na reunião, cortes nas taxas de juros ao longo de 2023. Ainda nos EUA, os índices PMI (manufatura e serviços) recuaram no mês, mantendo o sinal de alerta quanto ao rumo da atividade.

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) desacelerou para 9,2% (ante 10,1%) na prévia de dez/22, bem abaixo do esperado (+9,7%), fato que também animou os investidores. Tal redução deu suporte às expectativas (medida pelos índices PMI) de dezembro, que subiram no mês passado. Na manufatura o índice subiu 0,7 pp, para 47,8 pts e nos serviços, a alta foi de 1,3 pts, para 49,8 pts, apesar de ainda indicarem contração dos setores (abaixo de 50 pts).

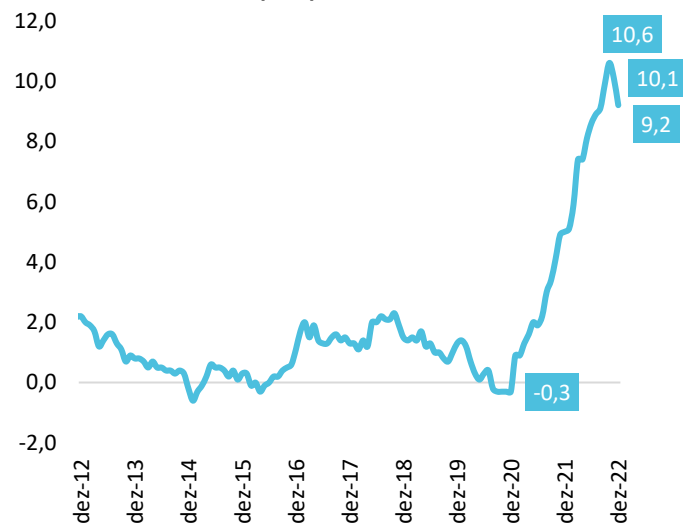
Na China, os casos de Covid-19 continuam afetando a atividade. Os índices PMI de dezembro seguiram abaixo do nível neutro em dezembro, com o setor de manufatura caindo para 49,0 pts (ante 49,4 pts) e o de serviços, mesmo com a alta (+1,3 pts para 48,0 pts), se manteve em baixo patamar.

**Quadro 7: EUA – Ganhos salariais médios**  
Var. % aa



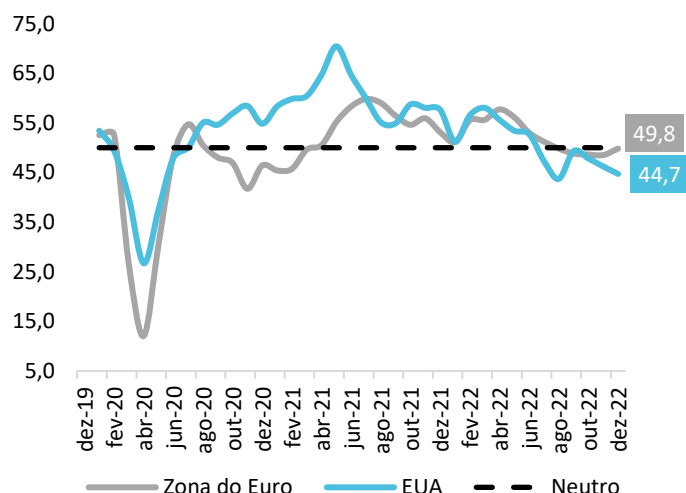
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 8: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % aa**



Fonte: Bloomberg.

**Quadro 9: EUA e Zona do Euro – PMI de Serviços Em pontos**



Fonte: Bloomberg.

**Panorama dos Inadimplentes (Negativados) no Brasil**

**CRÉDITO / BANCOS**

A questão da inadimplência e dos negativados no país tem chamado a atenção nos últimos meses, dado o aumento do número de pessoas que se encontram nesta situação. Diante de tal quadro, já na campanha eleitoral, o atual governo sinalizou que pretendia criar um programa de renegociação de dívidas para mitigar esta situação. Agora, a nova equipe econômica indicou que tal programa, batizado como “Desenrola Brasil”, deve ser uma das prioridades do início do governo. O objetivo aqui é trazer alguns números e um panorama geral do problema em questão.

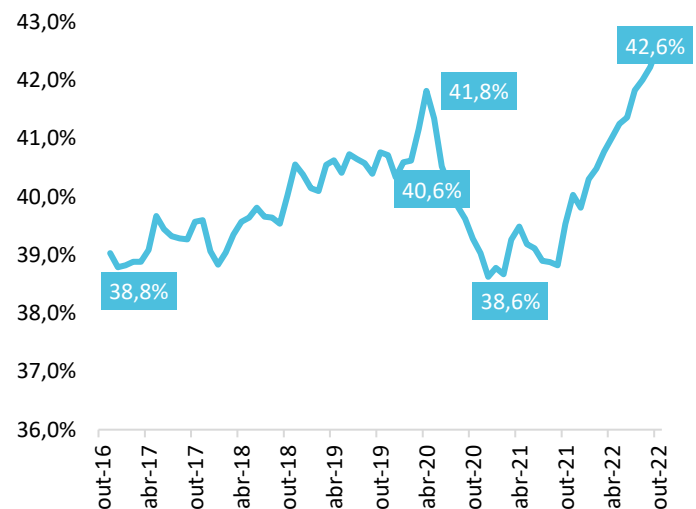
Segundo o Serasa, um dos principais *bureaus* de crédito do país, em outubro de 2022 haviam 69,1 milhões de brasileiros (CPF) inadimplentes (ou negativados), o que equivale a 42,6% da população adulta do país. Como comparação, eram 61,4 milhões de inadimplentes (ou 38,6% da população adulta) em dezembro de 2020 e 63,9 milhões negativados (40,6% da população adulta) em fevereiro de 2020 (período pré-pandemia). Assim, de fato, houve um aumento relevante recentemente do número de pessoas em tal situação, mas não podemos deixar de notar que estruturalmente os números sempre foram elevados. Desde o início da série histórica (mar/16), o número de negativados sempre esteve próximo ou acima de 60 milhões de pessoas.

**Quadro 10: Número de clientes inadimplentes (negativados) - Em milhões**



Fonte: Serasa. Elaboração: Febraban.

**Quadro 11: Clientes Inadimplentes (Negativados) em % da População Adulta**



Fonte: Serasa. Elaboração: Febraban.

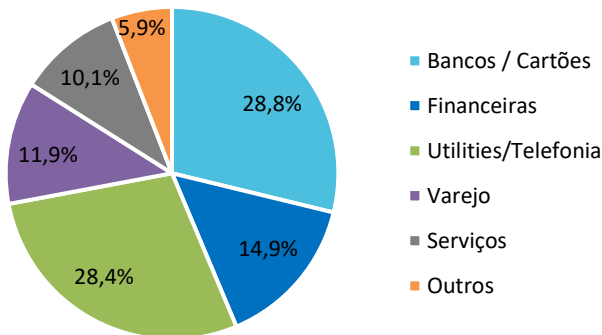
Em relação à dívida, atualmente são 243,4 milhões de dívidas negativadas que totalizam R\$ 301,5 bilhões, ou seja, a dívida média é de R\$ 1.238,50. O Serasa estima que cada CPF negativado possui 3,53 dívidas. Assim, em média, cada inadimplente deve R\$ 4.366,00. Antes da pandemia (fev/20), a dívida total era da ordem de R\$ 255,1 bi, ou seja, desde então, houve um acréscimo de 18,2%. Além disso, o tíquete médio também subiu, era R\$ 3.992,50. Portanto, conclui-se que o crescimento da dívida total decorre tanto do aumento de pessoas negativadas como do aumento da dívida (novas dívidas) de pessoas que já eram inadimplentes.

Além disso, o *bureau* também desagrega tais informações por setor econômico (conforme o Quadro 12), ou seja, quem são os credores de tais dívidas. Atualmente, mais da metade (56,3%) da dívida pertence a setores não financeiros, como de utilidades públicas e telefonia (28,4%), varejo (11,9%), serviços (10,1%) e outros (5,9%). Já 43,7% do total das dívidas pertencem ao setor financeiro, sendo que 28,8% estão no setor bancário e 14,9% em empresas classificadas como financeiras. Ou seja, nota-se que há uma dispersão de tais dívidas entre os setores, com uma relevância um pouco maior no setor bancário e de *utilities*, de certa forma esperada, dada a recorrência de consumo e abrangência de tais segmentos na sociedade.

## Panorama dos Inadimplentes (Negativados) no Brasil

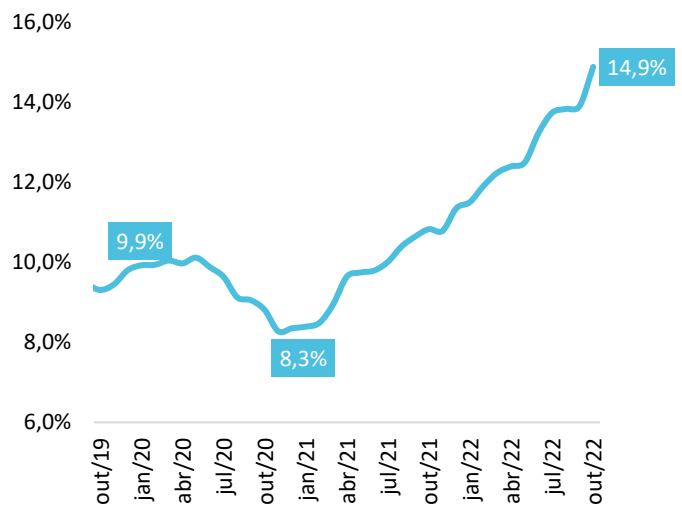
Outro ponto que chama a atenção é o aumento da participação das financeiras entre os credores, ilustrado no Quadro 13. Antes da pandemia (fev/20), tal segmento era responsável por 9,9% do total das dívidas e agora representa 14,9%, ou seja, houve um aumento de 5 pp da participação do segmento no período. Dado que a dívida total aumentou no período e houve um avanço da participação em tal segmento, percebe-se que o crescimento das dívidas foi bem maior, do que a média, em tal setor. Embora não seja claro o motivo, uma possível explicação seria o surgimento de muitas *fintechs* no período, que facilitaram a tomada de crédito especialmente por parte da população de baixa renda, fato que teve como efeito colateral um aumento da inadimplência.

**Quadro 12: Composição das Dívidas Negativas Por Setor – Em %**



Fonte: Serasa. Elaboração: Febraban.

**Quadro 13: Evolução da participação das financeiras Em % das dívidas negativadas**



Fonte: Serasa. Elaboração: Febraban.

Em resumo, observa-se que houve um aumento do número de pessoas inadimplentes nos últimos meses, fato que pode ser explicado por vários fatores, como alta da inflação, elevação dos juros e aumento da oferta de crédito. Contudo, note que, estruturalmente o número de negativados sempre foi elevado, na casa de 60 milhões, não se tratando de um fenômeno inédito. Além disso, diferente do que pode ser o senso comum, mas a maior parte das dívidas negativadas não está no setor bancário. Ainda, boa parte do aumento recente ocorreu nas financeiras.

## Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Dez/22

## CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central do Brasil (BCB) divulgou que a caderneta de poupança registrou captação líquida de R\$ 6,3 bilhões em dezembro, embora positiva, este foi o pior resultado para o mês desde 2002 (R\$ -1,1 bi), com dados já ajustados pelo IPCA. Dezembro tipicamente é um mês com entrada de recursos na modalidade devido ao recebimento do 13º salário pelos trabalhadores da iniciativa privada.

Além de dezembro, apenas no mês de maio, quando houve antecipação do 13º salário dos aposentados e pensionistas do INSS, as captações superaram as retiradas na modalidade em 2022. Com isso, a caderneta de poupança fechou o ano com captação líquida negativa de R\$ 105,5 bi (ou -1,1% do PIB), conforme o Quadro 15. Este foi o pior resultado desde o início da série histórica (1996), superando 2015 (-0,9% do PIB).

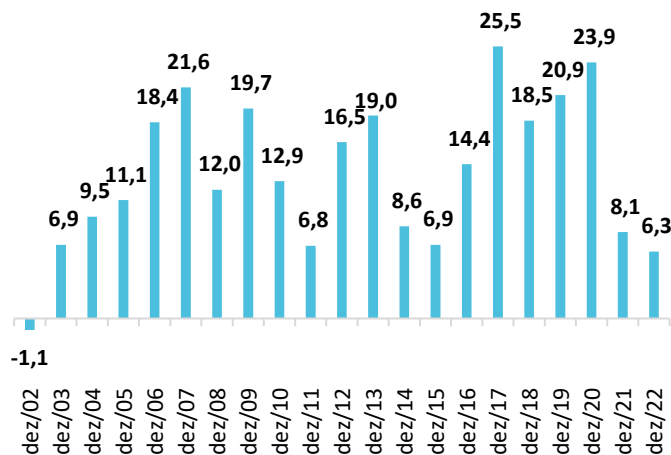
O fraco desempenho da caderneta no ano tem várias explicações, como a alta inflação, elevação da taxa Selic (que atrai investimentos para outras modalidades) e retomada dos níveis de consumo pré-pandemia, com a população consumindo parte da poupança formada em 2020 (neste ano, a caderneta registrou captação líquida equivalente a 2,2% do PIB, recorde positivo da série).

Desta forma, o saldo real da caderneta de poupança fechou o ano em R\$ 998,9 bi (10,2% do PIB), recuando 17,0% em relação ao pico atingido em dez/20 (R\$ 1.204 tri ou 13,6% do PIB) e abaixo do patamar pré-pandemia (R\$ 1.009 tri ou 11,2% do PIB em fev/20).

Em termos de rentabilidade, a poupança fechou o ano com retorno nominal de 7,90% aa, superior ao retorno de apenas 2,99% aa de 2021, mas ainda com uma baixa rentabilidade real, de 2,16% aa.

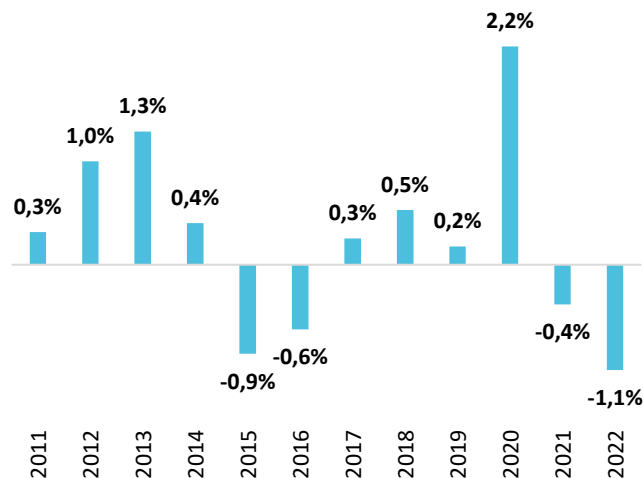
Para 2023, não se espera grandes alterações na dinâmica da modalidade, uma vez que a inflação deve seguir pressionando o orçamento das famílias, a atividade tende a desacelerar (assim como a geração de vagas de emprego) e o BC deve manter a taxa Selic em elevado patamar. Por outro lado, a elevação real de 3,3% do salário mínimo no ano é um contraponto.

**Quadro 14: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Meses de Dezembro - Em R\$ bi (IPCA de dez/22\*)**



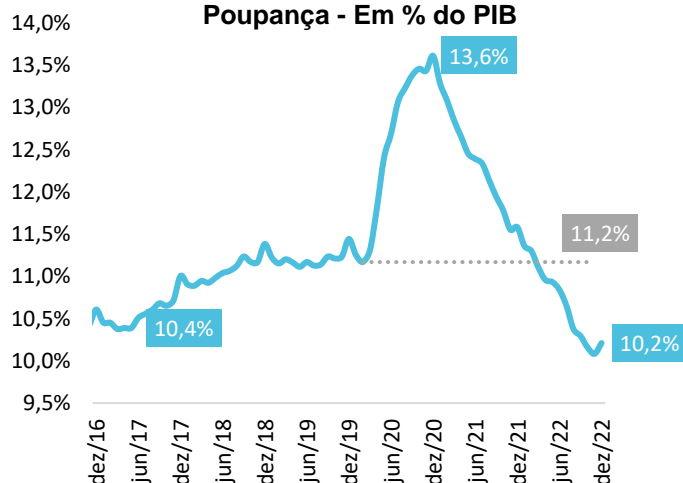
Fonte: Bacen. \*Estimativa do Focus/BCB

**Quadro 15: Captação Líquida anual da Caderneta de Poupança - Em % do PIB**



Fonte: Bacen.

**Quadro 16: Saldo de Recursos na Caderneta de Poupança - Em % do PIB**



Fonte: Bacen.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/jan	IBGE: IPCA	Dez/22	0,44% m/m 5,60% a/a	0,41% m/m 5,90% a/a
11/jan	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Nov/22	0,0% m/m -0,6% a/a	0,5% m/m 0,3% a/a
12/jan	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Nov/22	0,3% m/m 6,6% a/a	-0,6% m/m 9,5% a/a
13/jan	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Nov/22	-0,3% m/m 2,25% a/a	0,0% m/m 3,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
11/jan	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/22	1,8% a/a	1,6% a/a
11/jan	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Dez/22	-0,1% a/a	-1,3% a/a
12/jan	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/22	0,0% m/m 6,5% a/a	0,1% m/m 7,1% a/a
12/jan	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Dez/22	-12,0% a/a -9,8% a/a	-8,9% a/a -10,6% a/a
13/jan	Zona do Euro	Produção Industrial	Nov/22	0,5% m/m	-2,0% m/m
13/jan	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jan/23 – prévia	60,5 pts	59,7 pts
13/jan	EUA	Balanços: BofA, Citibank, JP Morgan e Wells Fargo	4º tri/22	-	-

Fonte: Bloomberg.





## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2022				2023			
	6/1/23	30/12/22	9/12/22	Viés	6/1/23	30/12/22	9/12/22	Viés
IPCA (%)	5,62	5,62	5,79	↔	5,36	5,31	5,08	▲
PIB (% de crescimento)	3,03	3,04	3,05	▼	0,78	0,80	0,75	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	-	13,75	13,75	↔	12,25	12,25	11,75	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	-	5,25	5,25	↔	5,28	5,27	5,25	▲

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	06/01/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,23	-1,05%	-1,05%	-1,05%	-8,10%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	251,39	-1,05%	-1,05%	-1,05%	17,50%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,66	0,02%	0,02%	0,02%	46,20%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,57	0,92%	0,92%	0,92%	13,43%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,80	1,26%	1,26%	1,26%	14,10%
Índice Ibovespa (em pontos)	108.963,70	-0,70%	-0,70%	-0,70%	7,29%
IFNC (setor financeiro)	5,23	-1,05%	-1,05%	-1,05%	-8,10%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	1700,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,25	-4,03%	-4,03%	-4,03%	390,69%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,56	-8,18%	-8,18%	-8,18%	106,73%
Dollar Index	103,88	0,34%	0,34%	0,34%	7,85%
Índice S&P 500 (em pontos)	3.895,08	1,45%	1,45%	1,45%	-17,06%
Índice de ações de bancos – EUA	115,71	1,42%	1,42%	1,42%	-14,96%
Índice Euro Stoxx 50	4.017,83	5,91%	5,91%	5,91%	-7,10%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	104,09	8,59%	8,59%	8,59%	-1,81%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	78,57	-8,54%	-8,54%	-8,54%	-4,17%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira